Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

PRAZERES E ÉTICA EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”

PLEASURES AND ETHICS IN “THE PICTURE OF DORIAN GRAY”

PLACERES Y ÉTICA EN “EL RETRATO DE DORIAN GRAY”

Maria Eduarda Pinheiro[1]
Rafael Auler de Almeida Prado[2]

RESUMO

A satisfação dos prazeres é debatida em diversas áreas do conhecimento. No entanto, a busca por ela é feita de forma excessivamente predominante e se evita o sofrimento, este pode ser intensificado. Este estudo analisa a relação entre prazer e ética, por meio de uma análise de obra literária. Adota-se uma abordagem qualitativa baseada no pressuposto fenomenológico existencial, que compreende que o ser humano é uma abertura e que se constrói na sua experiência no mundo com os outros. A pesquisa revisita autores que discutem o tema, articulando-os com uma análise de *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Observou-se que, no caso do personagem, a busca desenfreada pelo prazer comprometeu sua responsabilidade, destacando a importância do equilíbrio entre prazer e ética na convivência social.

Palavras-chave: prazeres e ética. análise literária. fenomenologia existencial. Dorian Gray.

ABSTRACT

The satisfaction of pleasures is debated across various fields of knowledge. However, when the pursuit of pleasure becomes excessively dominant and suffering is avoided, the latter may become intensified. This study analyzes the relationship between pleasure and ethics through a literary work analysis. A qualitative approach is adopted, based on the existential phenomenological assumption that the human being is an openness and is shaped by their experience in the world with others. The research revisits authors who discuss the theme, connecting them with an analysis of *The Picture of Dorian Gray* by Oscar Wilde. It was observed that, in the case of the character, the unrestrained pursuit of pleasure compromised his sense of responsibility, highlighting the importance of balancing pleasure and ethics in social coexistence.

Keywords: pleasures and ethics. literary analysis. existential phenomenology. Dorian Gray.

[1] Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Acre (Ufac), Rio Branco, Acre, Brasil. E-mail: mariaeduardaac2009@gmail.com
[2] Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2013). Docente da Universidade Federal do Acre (Ufac) Rio Branco, Acre, Brasil. E-mail: rafael.prado@ufac.br

1. INTRODUÇÃO

A possibilidade de satisfação de prazeres é uma condição da existência humana e podemos observar ao longo da história que diversas áreas do conhecimento se ocuparam de pensar sobre esta condição. No âmbito da filosofia antiga, por exemplo, Aristóteles, em *Ética a Nicômaco* (2018); Platão, em *O Banquete* (2012) e *A República* (2021); e Epicuro, em sua *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)* (2002), trouxeram reflexões sobre o que significa a busca do homem pelos prazeres materiais e como eles se relacionam com a sua felicidade ou com seu sofrimento. Na contemporaneidade, a psicologia, especialmente a psicanálise, também buscou compreender a natureza dos prazeres e como o ser humano se relaciona com eles, como vemos na teoria de Sigmund Freud (1920/2010) e Wilhelm Reich (2004).

A busca pelo prazer sempre existiu em diversas culturas e civilizações, bem como a tentativa de compreender os benefícios e malefícios de vivenciar essas satisfações. A ideia de uma ética evocada em resposta aos comportamentos de satisfação das próprias vontades foi amplamente discutida em contextos sociais e comunitários, pela preocupação com o dever do homem para com a sociedade, e igualmente no contexto de uma ética para si, de autocuidado e auto desenvolvimento.

Freud (1930/2010b, p. 30) afirma que “é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida”. Segundo ele, os sofrimentos surgem quando o homem se depara com a impossibilidade de dar prosseguimento à realização de um desejo, seja ele voltado à natureza, ao corpo ou aos vínculos humanos. Entretanto, Freud (1920/2010a) também observou em “Além do princípio do prazer” que o que se entende como realização de desejos não é tão simples como evitar a dor e o sofrimento.

Já Sartre (1943/2007, p. 136) diz que “para comprovar que a realidade humana é falta, bastaria a existência do desejo como fato humano”. Dessa forma, na perspectiva do existencialismo sartriano podemos compreender que o desejo vivenciado em excesso, como busca pelo prazer, manifesta uma falta no indivíduo, que busca preenchê-la.

Michel Foucault, em seu estudo sobre a história da sexualidade, uma das principais fontes de prazer dada à condição humana, observa que ela foi alvo de problematizações em civilizações antigas, nas quais se questionavam os malefícios da prática demasiada ou sem propósito do ato sexual, bem como de uma vida entregue somente a diferentes formas de prazer. Na Grécia Antiga a evitação dos prazeres era comumente associada à temperança, ao autocontrole, à sabedoria e até mesmo ao poder (Foucault, 1978/2012). Ou seja, o tema do prazer era refletido através de uma ética baseada na moderação e desenvolvimento das virtudes e do conhecimento.

Bauman (1998) observa que o período que denomina “pós-modernidade” substituiu “objetos” duráveis por produtos projetados para serem obsoletos. Isso significa que o mundo contemporâneo tende a produzir coisas efêmeras, já na expectativa de substituí-las por outras. O homem passa a construir identidades passageiras, que são facilmente descartadas. O autor chama essa figura pós-moderna de turista, que percorre a vida buscando viver sem pertencer a lugar algum, priorizando experiências que o tiram da sensação de tédio e aprisionamento, sem criar raízes nem relações profundas com as pessoas, pois a companhia delas nasce de um impulso e de uma vontade que morre nas próximas que conhece. Segundo ele, os turistas tendem a colocar os sonhos na frente da realidade porque são “seduzidos pelos prazeres verdadeiros ou imaginários de uma vida de quem acumula sensações” (Bauman, 1998, p. 117).

Como Fortes (2009) explica, a subjetivação na contemporaneidade mudou no sentido de que o sujeito relaciona-se com a dor como algo a ser evitado, caracterizando-se pelo imperativo de ter prazer e evitar o sofrimento. Ela afirma, no entanto, que “a negação da dor não leva a que exista de fato menos dor. Ao contrário, a dor excluída é, ela mesma, fonte de dor” (p. 1125). Ou seja, a tendência de evitar o sofrimento não garante, necessariamente, a satisfação.

O sofrimento, assim como o prazer e a felicidade, também faz parte da condição humana. Tendo em vista que essa busca – e a tentativa de compreendê-la – sempre existiu, e que ela possui grande influência na maneira como o indivíduo age, pensa,

desenvolve a sua identidade e se coloca no mundo, o presente trabalho buscou analisar de que maneira a vivência dos prazeres se relaciona com a ética a partir do personagem literário Dorian Gray, do romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde foi um escritor, poeta e dramaturgo nascido em Dublin, Irlanda, em 1854. Foi reconhecido principalmente por suas comédias sociais apresentadas no teatro e por seu único romance, *O retrato de Dorian Gray* (Companhia das Letras, n.d.). O romance foi publicado pela primeira vez em 1890 na revista *Lippincott's Monthly Magazine*, simultaneamente nos Estados Unidos e na Inglaterra. O autor já vinha fazendo sucesso entre os literatos, agradando também o público geral, com diversos trabalhos publicados e uma personalidade marcante.

A obra em questão foi censurada pela revista na ocasião de sua primeira publicação, o que levou Wilde a reescrevê-la e publicar uma nova edição estendida na qual alguns trechos polêmicos foram removidos e outros adicionados (Wilde, 2013). A versão a qual este trabalho utilizou foi a original, não censurada, publicada no Brasil pelo selo Biblioteca Azul, da Editora Globo.

Nessa obra, pela primeira vez na sociedade Vitoriana foram retratados personagens que fugiam dos padrões convencionais da época, principalmente os de masculinidade, sexualidade e afetividade. O romance provocou diversas reações, dentre elas muitas críticas e acusações de ser um trabalho vulgar e inadequado (Wilde, 2013). Mas afinal, do que trata o romance que impactou culturalmente a sociedade britânica da época, bem como os anos finais da vida de Wilde?

Dorian Gray, um jovem aristocrata vivendo entre a alta sociedade inglesa no século XIX, tem seu retrato pintado pelo amigo Basil Hallward, que o apresenta a Lorde Henry, outro poderoso e influente membro da aristocracia. Dorian é conhecido por sua notória beleza, de aparência jovial, pura e angelical, bem como por sua ingenuidade. O primeiro contato que o jovem tem com sua própria imagem retratada no quadro, é um momento de tomada de consciência da própria beleza e juventude, o que o faz ficar amedrontado ao pensar que um dia ambas se perderão. Em meio a um turbilhão de

emoções provocadas por essa reflexão, Dorian deseja que o seu retrato pudesse envelhecer em seu lugar, enquanto ele permanecesse jovem e belo pela eternidade, e então seu “pedido” misteriosamente se torna realidade. A relação com Lorde Henry passa a se tornar cada vez mais íntima, enquanto o personagem reforça a todo momento o privilégio de ser jovem e belo e como Dorian pode viver uma vida prazerosa e cheia de triunfos advindos de sua vitalidade, sempre buscando novas sensações e experiências.

A esta filosofia, o lorde dá o nome de Novo Hedonismo. Ao longo da narrativa, acompanhamos Dorian levando uma vida repleta de consumismos materiais, relações superficiais e prazeres físicos em meio à aristocracia, bem como o momento em que ele se vê sozinho, infeliz e vazio. O retrato, uma vez belo, não somente adquire aparência envelhecida, conforme seu desejo, mas se torna o receptáculo de toda a deterioração existencial, ao passo que Dorian se torna cada vez mais um ser humano egoísta, arrogante e cruel. Acompanhamos a imagem angelical cuidadosamente desenhada por Basil Hallward se tornar um quadro medonho, obscuro e de aparência demoníaca, demonstrando ao próprio Dorian aquilo que ele se tornara.

Surgem então alguns tipos de questionamentos ao analisar o enredo e o desenvolvimento do personagem: quais os impactos de suas escolhas e da filosofia hedonista adotada por ele, sob a influência de Lorde Henry? Por quais motivos ele se deixa influenciar e ser consumido pelos prazeres materiais? Como a busca pelo prazer afetou a sua relação com as pessoas com quem convivia, tanto no âmbito pessoal quanto em sociedade? Como a busca pelo prazer fez com que ele se tornasse a pessoa que se tornou?

A partir da análise do personagem desta obra, é possível refletir e questionar como, no contexto contemporâneo, o problema apresentado neste trabalho se comporta. Portanto, o personagem será observado em seus aspectos psicológicos, sociais e relacionais, com o objetivo de compreender as implicações que viver em função das próprias vontades tiveram em sua história.

A literatura e a psicologia têm uma profunda relação, visto que a primeira tem sido ao longo da história um dos principais veículos de expressão, questionamento e compreensão da existência. A literatura, antes do surgimento da psicologia científica, foi juntamente com a filosofia uma das principais maneiras de refletir e retratar os dramas humanos.

Dessa maneira, a temática da obra escolhida se mostra ainda muito atual, apesar de ter sido publicada ao final do século XIX, visto que vivemos em um período da contemporaneidade no qual estamos condicionados a todo o momento a buscar cada vez mais por prazeres e conforto de diferentes maneiras. Essa tendência se manifesta, principalmente, em resposta à exposição aos estímulos imediatos provenientes de tecnologias como a internet e redes sociais. Hoje, os conteúdos das mídias sociais são interativos, altamente personalizados, direcionados àquelas pessoas específicas, a partir de dados fornecidos por elas mesmas, com a intenção de mantê-las conectadas às mídias por mais tempo. Dada a rápida expansão e fusão do mundo material e virtual, fenômenos como reconhecimento social, aprovação, relação com a alteridade, relação com o diferente, foram se simplificando cada vez mais, quanto mais a interação passa a ser a interação com outro por meio de tela e dos seus mecanismos simplificados. O próprio contato com o outro é mediado por uma máquina que nos dirige a outros parecidos conosco, criando bolhas de mundos compartilhados cada vez mais parecidos. Os outros passam a ser cada vez mais estranhos e considerados perigosos, ameaçadores.

Berardi (2020) apresenta o modo como nossa sociedade contemporânea tem se configurado a partir da irreversível inserção do ecossistema digital. Ele mostra como nosso espírito de época ao mesmo tempo que simplifica a linguagem na relação homem-máquina, gera um déficit semântico em relação a uma superprodução semiótica, processo segundo o qual há excesso de signo e carência de significado – que acaba resultando na impossibilidade de uma ética.

Tendo esse contexto contemporâneo em vista, a psicologia enquanto ciência se ocupa de entender os diversos processos de subjetivação humana. Desse modo, este trabalho visou compreender como a busca do ser humano por satisfazer seus próprios prazeres se relaciona com a ética e como o manejo da experiência do prazer pode contribuir para a preservação dessa ética.

A concepção de ser humano que fundamenta a análise realizada neste artigo é a fenomenológica existencial, mais especificamente, de acordo com os pensamentos de Heidegger (1927/2008) e Sartre (1946/2014). Segundo essa perspectiva, o ser humano como ser-no-mundo, não possui determinações *a priori,* mas caracteriza-se por ser uma abertura que se constitui a cada instante, na relação com os outros, no mundo. O mundo por sua vez, consiste em trama de significados e sentidos tecida pelos homens nas relações com os outros e junto às coisas (Critelli, 1996).

Ao considerar o mundo dessa maneira, ou seja, como “estrutura de sentido, contexto de significação, linguagem, sempre historicamente em movimento” (Sá, 2005, p. 1)”, tem-se em conta o peso do período histórico e social que marca e configura as possibilidades de ser, que embora abertas e infinitas, são sempre marcadas por esse contexto. Desse modo, mesmo que se opondo a valores e crenças vigentes, criando-se novas possibilidades de ser, essas surgem da oposição de uma referência do que já estava dado.

A abertura e a indeterminação humanas diante da infinitas possibilidades de ser no mundo se configuram como liberdade e como sua correlata cooriginária, responsabilidade. Cada ser humano tem, assim, como tarefa perene, inalienável e intransferível, cuidar de ser. Ter que responder, a cada instante, por cada escolha, feita em liberdade, diante do mundo que lhe vem, a cada momento, a seu encontro. A cada escolha, a cada gesto, se realiza uma possibilidade que não determina o que uma pessoa é, de forma definitiva. Por exemplo, alguém é generoso quando realiza um gesto de generosidade. No entanto, esse alguém não conquista o *status* definitivo de pessoa

generosa, mesmo que venha por muito tempo realizando atos com essa qualidade, uma vez que pode também realizar atos egoístas, malévolos e destrutivos.

É nesse sentido que o filósofo Jean-Paul Sartre em “O existencialismo é um humanismo” afirma que a existência humana precede a essência. Com isso, entende-se que o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo (Sartre, 1946/2014), ou seja, o homem é definido pela sua ação e o seu destino está nele mesmo, a ser decidido. Uma análise fenomenológica existencial de uma pessoa (no caso do presente artigo, de um personagem literário) centra-se na descrição do modo como essa pessoa se relaciona com as outras em seu mundo, fazendo com que o sentido fundamental dessas relações se revele a partir desta descrição.

Desse modo, a análise buscou descrever as relações que Dorian Gray estabeleceu com as pessoas que faziam parte de seu círculo mais próximo, apontando para os sentidos desta relação - por exemplo se era egoísta ou altruísta, se havia preocupação com o modo como as pessoas eram afetadas por sua ação ou não - também em acordo com a temática da ética que faz parte do objetivo deste trabalho. A satisfação do prazer, analisada em relação à ética, é compreendida como uma possibilidade humana que só pode ser observada e compreendida em seu sentido fundamental na relação com as outras pessoas, o que corrobora com a escolha feita de analisar Dorian por meio dos outros personagens que fazem parte de sua vida.

Também importa que a fenomenologia existencial considera que a vida se dá sempre a partir de uma tonalidade afetiva, sendo a angústia a tonalidade afetiva fundamental, pois é aquela que revela nossa condição existencial de nadidade, de estar sempre a se fazer. Quase sempre e na maior parte das vezes, de acordo com o jargão repetido inúmeras vezes por Heidegger em Ser e Tempo (1927/2008), abrimos mão, ilusoriamente, da nossa responsabilidade por nossas escolhas e escolhemos aquelas possibilidades que nos parecem “naturais”, como “todo mundo faz”. Muitas vezes delegamos nossa escolha a determinado grupo ou determinada pessoa, nos “protegendo” da angústia e do peso da responsabilidade de nossas escolhas, abrindo

mão de modos mais próprios (autênticos; propriamente, singularmente escolhidos por nós).

A ética, conforme podemos inferir de Ser e Tempo, refere-se à possibilidade do *Dasein* (ser-aí) assumir suas escolhas como suas, podendo, a seu modo, viver a vida por meio das condições em que ela lhe é dada, ou seja, sem a possibilidade de controlar os eventos que lhe vem ao encontro e levando em consideração a coexistência, a profunda importância que a relação com os outros têm para que se constitua no que se é. Desse modo, um tipo de cuidado em que o outro é realmente considerado como outro (preocupação) é possível. De outro modo, a relação com o outro se dá de modo que o outro é tratado como coisa (ocupação). Conforme de Sá (2005, p. 1): "O modo das relações com os 'entes cujo modo de ser é simplesmente dado' (*Vorhandenheit*) foi denominado por Heidegger de 'ocupação' (*Besorgen*) e o modo das relações com os entes dotados do seu próprio modo de ser de 'preocupação' (*Fürsorge*)."

Sartre por sua vez, em "O existencialismo é um humanismo" (1946/2014), não menciona o termo ética embora possamos também inferir de seu pensamento uma concepção subjacente quando ele discute conceitos tradicionais de moral (termo que aparece vinte e oito vezes nesta obra). O autor não faz juízos de valor, nem estabelece um conjunto de preceitos ou valores preestabelecidos, mas sim uma análise da responsabilidade do homem consigo, com suas condições de existência e com a humanidade. Explicitados nossos pressupostos compreensivos, importa afirmar que a análise da construção de Dorian Gray como sujeito, com o tema da sua vivência da ética e da satisfação de prazeres, se deu a partir da sua relação com aqueles que o rodeiam, de sua liberdade e responsabilidade em se tornar aquilo que escolheu ser. Também considerou-se o mundo em que viveu — a sociedade britânica do século XIX na qual começavam a se brotar os valores individualistas em detrimento do bem comum e da coletividade que se acentuam na contemporaneidade.

O presente trabalho consiste em uma análise que se propõe a observar a trajetória do personagem Dorian Gray e como ele escolheu viver sua vida de maneira a se importar

exclusivamente em satisfazer suas próprias vontades em prol do prazer, mesmo quando isso significou prejudicar o próximo ou a si mesmo. A pesquisa questiona qual o limiar entre buscar prazer e a ética do ser humano em suas ações envolvendo a si mesmo e os outros.

2. MÉTODOS

O método adotado neste trabalho consiste em uma análise qualitativa. Segundo Marconi e Lakatos (2017):

> Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos; portanto, implica decompor um todo em suas partes, a fim de: (a) poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento-chave do autor; (b) determinar as relações que prevalecem nas partes constitutivas, compreendendo a maneira pela qual estão organizadas; (c) estruturar as ideias de maneira hierárquica. (p. 37).

Tendo em vista as concepções apresentadas anteriormente, a análise parte do pressuposto fenomenológico existencial de que a experiência humana e seus processos psicológicos podem ser compreendidos a partir da observação de como se existe e se constrói no mundo, constituindo sua subjetividade dinamicamente.

Por subjetividade entende-se não apenas uma compreensão individual do ser sobre si mesmo, mas também a relação com o próximo, que é essencial nesse aspecto, visto que para obter uma verdade qualquer sobre si mesmo, é preciso passar pelo outro (Sartre, 1946/2014). Para uma noção de ética, tem-se em mente a visão existencialista de Sartre de não fazer juízos de valor, mas sim uma análise da responsabilidade do homem consigo e com o outro. Portanto, tem-se em foco a análise dos fenômenos e a construção de Dorian como sujeito, sua relação com aqueles que o rodeiam, a liberdade e a responsabilidade de se tornar aquilo que escolheu ser.

Ao longo do romance, é possível observar que a construção de Dorian é feita pelo autor através de elementos da narrativa, principalmente de outros personagens. O personagem possui profundidade e complexidade que podem ser observadas através do seu reflexo nos outros elementos com os quais ele interage. Dessa maneira, o presente estudo se propôs a investigar a relação entre prazeres e ética a partir da análise da

trajetória do personagem, que se deu através de cinco elementos importantes para vislumbrar a sua complexidade: os personagens Basil Hallward, Lorde Henry, Sibyl Vane, o próprio Dorian Gray, e seu retrato.

A escolha desses elementos foi feita com base na observação de que diversos aspectos psicológicos, como disposições afetivas e modos-de-ser de Dorian, são expostos através da fala e percepção dos outros personagens com os quais ele se relaciona, o que nos permite visualizar sua construção e desenvolvimento ao longo da história, compreendendo que esse processo "não é encerrado em si mesmo, numa interioridade psíquica, estando sempre num contexto relacional" (de Sá, 2005, p. 1). O autor da obra nos insere gradualmente dentro do mundo e da perspectiva de Dorian e nos permite acessar seus pensamentos e percepções pessoais sobre si mesmo apenas conforme o enredo avança e vai chegando ao final.

A escolha dos personagens, além do próprio Dorian Gray, se dá com base na proximidade que o mesmo tem com eles (é o caso de Basil e Henry, que são seus amigos mais íntimos) e acontecimentos que tiveram impacto em seu modo de ser ou que provocaram alguma movimentação em sua vida (é o caso de seu envolvimento afetivo com Sibyl). O quadro é o elemento em torno do qual a narrativa gira, visto que ele atua como uma representação da pessoa que Dorian se torna ao longo do tempo.

3. ANÁLISE

Basil Hallward

Basil Hallward, o pintor, evoca ao personagem uma visão idealizada e romântica, sendo uma das primeiras brechas oferecidas pelo autor para que possamos vislumbrar a construção de Dorian. Para Basil, que tem o jovem como inspiração para sua arte, Dorian é belo, inocente e puro, além de ser seu amigo mais caro. A materialização desse ideal e desse afeto é retratada na pintura que produz do jovem Gray. Ele assume um papel protetor, e diversas passagens sugerem também sentimentos românticos do pintor por seu amigo, apesar de um romance entre eles nunca ser concretizado. Basil fala sobre

como se sentiu fascinado por Dorian desde o momento em que o conheceu e como sabia que seria devoto a ele, além de admitir que o idolatra posteriormente na narrativa. Ele deposita toda a sua felicidade e inspiração artística no rapaz.

Ao longo do livro, podemos perceber que Basil entra em conflito a todo momento contra as influências externas que parecem, ao seu ver, estar corrompendo a natureza ingênua de Dorian. Uma de suas principais preocupações é com a amizade que Lorde Henry desenvolve com Dorian, algo que Basil demonstra não desejar desde o início. Ele sabe que Lorde Henry tem forte influência sobre as pessoas, e ao perceber o interesse que ele aparenta ter pelo jovem Gray, Basil pede a Lorde Henry que não estrague sua amizade com ele nem tente influenciá-lo.

Como o pintor prevê, a relação entre ele e Dorian esfria cada vez mais. Conforme Dorian se aproxima de Lorde Henry, eles passam a ir a festas e o jovem deixa de ir à casa de Basil, passando a frequentar a casa de Lorde Henry. Basil sempre alerta Dorian sobre a influência manipuladora que seu novo amigo possui sobre as pessoas e afirma que ele próprio é o único sobre o qual tal influência não surte efeito. Tendo tudo isso em vista, Basil demonstra tristeza ao ter a sensação de que está perdendo seu amigo.

Lorde Henry

O Dorian que nos é apresentado através desse personagem, possui um potencial de juventude, de beleza, de prazeres, vitalidade e vivências, além de ser influenciável, atributo do qual Lorde Henry se aproveita para fazer do jovem seu próprio objeto de estudo: como seria alguém, livre desde cedo das amarras e convenções sociais, podendo viver ao extremo sua potencialidade? Por isso, Henry entende, fundamentalmente, desprezar a preocupação com os outros e viver o potencial de satisfação dos prazeres que a beleza lhe proporciona, buscando realizar isso em Dorian. Desde o momento em que Basil mostra a pintura de Dorian, Henry se interessa por ele, e quando o conhece pela primeira vez ele se sente ainda mais fascinado. Entretanto, seu fascínio parece ser diferente do de Basil, demonstrando em diversos trechos ser experimental, no sentido de

que ele vê em Dorian a possibilidade de moldá-lo conforme sua própria visão de mundo e fazê-lo vivenciar tudo o que para ele o ser humano deve vivenciar:

Sem dúvida, poucas pessoas o interessavam tanto quanto Dorian Gray e, no entanto, a louca adoração do rapaz por outra pessoa não lhe provocava o menor aborrecimento ou ciúme. Estava satisfeito com isso. Fazia de Dorian um objeto de estudo mais interessante. (Wilde, 2013, p. 145)

Lorde Henry é um homem de ideais e convicções firmes, conhecido por sempre dizer o que pensa e, como dito anteriormente, influenciar pessoas. Em determinado momento, Basil Hallward afirma que as opiniões de Henry estão sempre na boca de seus amigos. Segundo Nicholas Frankel em sua nota como organizador da edição utilizada para esta análise, o personagem se utiliza de recursos linguísticos como paradoxos e expressões irônicas e engenhosas para causar choque e provocação em seus ouvintes (Wilde, 2013).

Os ideais e filosofias de Henry estão voltados para um contraponto radical e uma ruptura dos costumes e da moral normativa que emergiu na alta sociedade inglesa do século XIX. Ele, no entanto, encarna o período histórico que estava surgindo, regido pelo individualismo e egoísmo, sendo um exemplo do que de Sá (2005) explica quando refere-se ao mundo como estrutura de sentido e significação, e que o ser humano é marcado pelo contexto sócio-histórico em que está inserido. Ele entende que o objetivo principal do ser humano deve ser seu próprio desenvolvimento intelectual, algo que seria alcançado através de suas próprias experiências sensoriais e da realização de seus próprios desejos. Além disso, Henry atribui caráter científico à sua filosofia de vida, algo que transparece no seu interesse pela psicologia, especialmente no efeito que os sentidos e impulsos carnais têm no corpo e na alma. Para ele, nenhum preço era alto demais para se pagar em troca da sensação de vivenciar as paixões e observar a lógica dela. Ele chega a afirmar também que a experiência não possui valor ético, e que ela deve ser almejada em prol do conhecimento. Ele fala, em relação à sua intenção de analisar as paixões, que “era claro para ele que o método experimental constituía a única

forma de se conduzir qualquer análise científica das paixões; e, sem dúvida, Dorian Gray era um tema feito sob medida para ele, parecendo prometer resultados ricos e produtivos" (Wilde, 2013, p. 147).

Tendo exposto seus ideais, podemos compreender o tipo de influência incutida em Dorian que o faz percorrer um caminho de atitudes autocentradas e egoístas ao longo de sua vida. Dorian, a partir de sua liberdade existencial, escolhe, na relação com os outros, vivenciar o cuidado como "ocupação", segundo a concepção heideggeriana. Ou seja, ele as trata como coisas, como estando a seu serviço. Existe um diálogo entre os dois crucial para toda a obsessão que o jovem desenvolve pela sua própria beleza e pelas experiências que a juventude pode proporcionar. Ele ocorre no início do livro, antes de o retrato ser finalizado, e nele Henry expõe para Dorian sua crença de que todos os impulsos devem ser realizados, como forma de "purificação", caso contrário, a tentativa de sufocá-los acaba por envenenar a mente e adoecer o corpo, restando como única opção entregar-se a todas as tentações.

Além disso, ele também fala ao jovem Gray que sua beleza é algo que lhe concede poder, mas também não é infinita, e quando ele envelhecer, não restará nenhum triunfo. Ele convence Dorian, aproveitando-se de sua abertura, de que sua vida só valerá a pena enquanto for jovem, e diz a ele "viva! Viva a vida maravilhosa que existe dentro de si! Não deixe de aproveitar nada. Busque sempre novas sensações. Não tema nada" (Wilde, 2013, p. 113). Pode-se compreender que Henry aproveita-se da hesitação de Gray em lidar com sua própria angústia, diante da liberdade, para manipulá-lo e reforçar a ilusão em Dorian que estaria "protegido" de assumir as consequências de suas escolhas ao seguir o que ele lhe dizia.

Sibyl Vane

Sibyl Vane faz o papel de representar o conflito pelo qual Dorian passa. Ao invés de transmitir ao leitor um ideal puro e ingênuo, a relação que Dorian tem com Sibyl traz à tona os primeiros indícios do caráter cruel e destrutivo que Dorian desenvolveu ao longo da história, conforme evidenciado pelo autor.

Sibyl é uma atriz desconhecida, ainda tentando ascender em sua carreira, quando Dorian a conhece. Ele assiste uma peça na qual ela atua e se apaixona por ela, por sua beleza, suas personagens, e nutre diversas fantasias românticas sobre a imagem que ele cria dela. A partir desse momento, Dorian afirma ficar em conflito entre o encanto que Sibyl inspira nele e as ideias que Lorde Henry apresenta. Segundo seu amigo, o casamento consiste em um tipo de relação que força as pessoas a viverem uma vida de farsas e enganações, e as mulheres são apenas um sexo decorativo. Além disso, diz que o casamento inspira o altruísmo, o que para ele é uma desvantagem pois pessoas altruístas perdem a graça e a individualidade.

Ao mesmo tempo em que demonstra ter sido influenciado por Lorde Henry e sentir vontade de buscar sensações e vivências, ao conhecer Sibyl, ele também passa a desejar amá-la de uma maneira que primeiramente parece ser sincera, pois quando questionado por Lorde Henry se a moça era sua amante, ele se ofende e diz que Sibyl Vane é sagrada. Entretanto, logo percebemos que a paixão de Dorian não é verdadeira, ela não passa de uma fantasia idealizada de tudo aquilo que Sibyl representa para ele: um estímulo à sua imaginação. Ao contar a Lorde Henry sobre a moça, ele enfatiza os papeis que ela representa no palco e não dá importância à sua própria pessoa. O fato de ser atriz e dar vida a diversas personagens importantes para a arte, traz a ele uma noção de que Sibyl Vane carrega em si algo sublime e imaculado. Dorian chega também a pedir que Henry ensine como encantar a moça, expressando seu desejo de ser amado por ela e de provocar ciúme e inveja nas outras pessoas, demonstrando como sua paixão era apenas um alimento para sua própria vaidade. O trecho a seguir exemplifica uma das falas de Dorian sobre a moça:

> Ela é todas as heroínas do mundo numa só pessoa. É mais do que um ser individual. [...] Eu a amo e preciso fazer com que me ame. Você, que conhece todos os segredos da vida, me diga como encantar Sibyl Vane para que ela me ame! Quero que Romeu tenha ciúme. Quero que os amantes mortos de todo o mundo ouçam nosso riso e se entristeçam. (Wilde, 2013, p. 141)

Não tarda o momento em que Dorian se entrega à sua paixão e pede Sibyl em casamento. Ele faz o convite para que ambos os seus amigos venham ao teatro com ele

para vê-la atuar. Os três vão assistir ao espetáculo, que acaba não sendo nada daquilo que Dorian havia esperado e prometido aos amigos. Naquela noite, Sibyl atua de maneira apática e artificial, entregando uma performance medíocre. Dorian se sente profundamente magoado, parece se envergonhar e pede desculpas por ter desperdiçado o tempo de seus amigos. Após decidirem não assistir a apresentação até o final, Dorian é convidado por Henry e Basil a sair e brindar a beleza de sua noiva, já que sua atuação não foi digna de comemoração, mas o jovem decide ficar e assistir até o final. Sua decepção é grande ao ponto de chorar e dizer aos amigos que seu coração está partido.

Após o término da peça, ele se direciona ao camarim de Sibyl e confronta a moça, exigindo explicações para sua terrível encenação. Ele a humilha, chamando-a de ridícula. Mesmo assim, a moça se declara para ele, dizendo que o amor que ela sente por ele se mostrou ser mais elevado que a arte, fazendo com que a atuação perdesse o sentido para ela. Dorian não se conforma com a explicação, continua a culpando por sua decepção, afirma que Sibyl matou seu amor e que agora ela não significa nada para ele. A menina se joga aos seus pés e implora por perdão, mas Dorian sente desprezo e se irrita com ela. Esse momento remonta à influência de Lorde Henry, que já havia falado para Dorian que há algo desprezível no sofrimento dos outros.

Dorian vai embora, mas nos próximos dias parece passar por um processo conflituoso. Aqui vemos o que parecem ser os últimos momentos de lucidez de Dorian, pois ele percebe o quão cruel foi e decide honrar com sua proposta de casamento. Entretanto, ele logo descobre que Sibyl Vane morreu no mesmo dia em que ele a viu em seu camarim pela última vez, provavelmente por suicídio. Primeiro ele entra em um estado profundo de culpa, mas Lorde Henry o convence a encarar a morte de Sibyl como algo teatral e artístico, que lhe conferiu uma experiência única: a de ter alguém que o amou até a morte. A partir de então, Dorian deixa de se importar com a morte de sua ex-noiva, desconsiderando ilusoriamente, conforme Heidegger (1927/2008) explica, a responsabilidade pelas suas atitudes e se deixando levar pela perspectiva indiferente

que lhe foi naturalmente apresentada, de maneira a se proteger da angústia e da culpa por abandoná-la.

A morte de Sibyl é crucial para a virada de Dorian, pois ao perceber pela primeira vez que o quadro se modificou e adquiriu um ar de crueldade, ele entende que a partir daquele momento, a aparência do quadro exporia suas intenções egoístas.

O Retrato

O retrato pintado por Basil Hallward inicialmente é uma representação do ideal de Dorian Gray, um jovem belo, ingênuo e bom. Quando Dorian vê o quadro pela primeira vez, ele sente uma mistura de prazer e alegria, ao mesmo tempo em que se surpreende com a consciência que adquire sobre sua própria beleza. Apesar de ter ouvido elogios e de ser conhecido por possuir esse atributo, a maneira como Basil o pinta faz com que ele se veja de uma maneira como ele nunca havia se visto antes.

Momentos após o que o próprio narrador chama de “revelação”, Dorian entra em uma espiral de pensamentos obsessivos que refletem as ideias às quais Lorde Henry o expôs: a finitude de sua juventude e beleza. A partir daí, o jovem manifesta um medo profundo da velhice e da feiura, se apegando profundamente à vitalidade, brilho e tudo aquilo que sua própria jovialidade lhe proporciona. Diante da consciência do envelhecimento e da finitude, e da angústia gerada por essa consciência, Dorian, ao invés de “antecipar sua morte” no sentido heideggeriano, ou seja, assumir possibilidades de ser mais próprias, singulares, desespera-se e procura controlar essa condição da existência. Então, tomado por esses pensamentos, ele lamenta o fato de que um dia sua beleza perecerá e faz uma prece:

> Como é triste! — murmurou Dorian Gray com os olhos ainda fixados no retrato. — Como é triste! Vou ficar velho, feio, desprezível. Mas esse retrato ficará jovem para sempre. Nunca será mais velho do que neste dia de junho... Se simplesmente fosse o contrário! Se eu permanecesse jovem para sempre,e o quadro envelhecesse! Por tal coisa — por isso — eu daria tudo! Sim, não há nada no mundo que eu não desse! (Wilde, 2013, p.116)

Dorian se sente enciumado da beleza de seu retrato, e ao ser questionado por Basil, responde “tenho ciúme de tudo cuja beleza não morre” (Wilde, 2013, p. 117). O pintor percebe a frustração que o retrato causa em Dorian, e ameaça destruí-lo. Dorian,

por outro lado, implora para que ele não faça isso, alegando estar apaixonado pelo retrato e diz “eu estou apaixonado por ele, Basil. Faz parte de mim. É assim que sinto” (Wilde, 2013, p. 119).

Estabelece-se então a relação, ou poderíamos chamar de ligação, entre Dorian e o quadro. Essa ligação é exposta na narrativa como algo que nem o próprio protagonista compreende, sendo algo que ele mantém em segredo. Ela pode ser vista, de um ponto de vista literário, como uma espécie de pacto com uma força sobrenatural que permanece não identificada. Existem também análises, como a de Fonseca (2005) que mostram uma perspectiva patológica indicando traços psicóticos, que teriam levado Dorian a acreditar, posteriormente na narrativa, que o quadro está de fato se modificando. Entretanto, esta pesquisa não se propôs a diagnosticar o personagem, mas analisar a sua trajetória de vida e as modificações em seus comportamentos, pensamentos e modos de ser no geral, a partir da dinâmica entre satisfação de desejos e ética.

Dessa maneira, ao longo da narrativa, Dorian vive sua vida e tem atitudes cada vez mais centradas em seus próprios prazeres, escolhendo ser de modo impessoal, conforme os valores que surgiam em seu horizonte histórico, a partir do que Henry lhe direcionava. Por outro lado, ele desconsidera a ética inferida na compreensão de Heidegger (1927/2008), na qual a condição da coexistência e o cuidado (preocupação) com o outro possui grande importância para a constituição do ser humano, o que faz com que Dorian se torne egoísta e mau. O quadro, por sua vez, se torna feio e configura um ar vil e perverso ao que antes era uma imagem angelical, representando a ruína de seu caráter. Como observado por Nicholas Frankel em suas notas como editor, a paixão (e identificação) com o quadro é tamanha que Dorian passa a ter o dia em que o retrato foi finalizado como a data de seu próprio nascimento (Wilde, 2013). Ele demonstra sentir prazer ao ver sua beleza que fora inicialmente representada no quadro, além de posteriormente também demonstrar sentir prazer em ver que o quadro, passados muitos anos, arcou com o “ônus que deveria ser só seu” (Wilde, 2013, p. 244).

Quando Dorian percebe que pode sair impune de qualquer situação, que sua beleza seria eterna e que o quadro seria o espelho de sua alma, ele decide a vida que vai levar: uma vida de paixões, prazeres sem limites na qual “nenhuma pulsão de sua vida jamais fraquejaria” (Wilde, 2013, p.197).

Dorian Gray

Logo no início da narrativa, há uma colocação feita por Basil Hallward que dá ao leitor uma primeira impressão a respeito de Dorian e como as pessoas se comportam em suas relações com ele. Nesse momento, é possível observar como a maneira pela qual Dorian constituiu sua subjetividade ao longo da vida se relaciona profundamente com a coexistência e a relação com aqueles ao seu redor, remontando ao que Sartre (1946/2014) diz a respeito da verdade sobre si só ser possível de ser obtida depois que se passa pelo outro. O pintor diz que “os desejos de Dorian são leis para todos, com exceção dele próprio”(Wilde, 2013, p. 105), o que nos faz refletir sobre como o jovem tinha certa influência sobre as pessoas, possivelmente pela sua beleza encantadora, visto que todos faziam suas vontades. A partir disso, podemos compreender que Dorian sempre teve tudo o que quis, sendo acostumado a realizar todos os seus desejos. Por exemplo, existem passagens em que ele demonstra irritação, batendo o pé ou revirando os olhos quando é solicitado que faça algo contra a sua vontade. Além disso, a citação também chama atenção no final, ao implicar que Dorian demanda muito e estabelece para todos normas que ele próprio se isenta de cumprir.

Avançando na narrativa, passados os acontecimentos analisados anteriormente neste trabalho, há um capítulo que narra os anos seguintes na vida de Dorian, após a compreensão de que o quadro se modifica conforme suas atitudes e intenções, enquanto ele próprio mantém sua juventude e impunidade. Podemos observar então que as experiências vividas pelo personagem são levadas com um teor que parece ter sido herdado da influência de Lorde Henry, conforme sua abertura na relação com o outro e o impacto do contexto social e histórico em que vivia, no sentido de que foram estudadas e refletidas com teor investigativo, filosófico ou científico, em prol da obtenção de um

suposto conhecimento sobre o ser humano. Também pode ser identificada aqui uma justificativa (com o peso de um embasamento científico/filosófico) para uma escolha impessoal, inautêntica de viver egoisticamente com a finalidade exclusiva de satisfazer seus desejos.

Como o autor explica, Dorian "buscava elaborar um novo esquema de vida que possuiria uma filosofia bem fundamentada e princípios normativos, tendo como realização máxima a espiritualização dos sentidos" (Wilde, 2013, p. 231) e em outro trecho diz que "seu objetivo, de fato, era ser a própria experiência, e não os frutos da experiência, doces ou amargas que viessem a se comprovar" (p. 233). Para o leitor, ficam velados detalhes sobre as experiências que Dorian viveu ao longo dos anos, mas há menções de idas a clubes e casas noturnas, o que por muitas vezes, em contraste com a percepção que as pessoas tinham anteriormente, gerava rumores sobre a influência negativa e manipulação que ele exercia sobre aqueles que se tornavam seus amigos.

Em meio a todas as suas vivências, tendo encarnado algo parecido com o turista de Bauman (1998), já mencionado anteriormente, Dorian desenvolve interesses pessoais que chegam a ser obsessivos e consistiam no consumismo e acúmulo de objetos. Alguns exemplos podem ser citados, como seu interesse pelo esteticismo dos rituais religiosos da Igreja Católica, música advinda de outras culturas e joias preciosas, por parecerem exóticos a ele, o que o levou a colecionar artefatos como vestes, tecidos, instrumentos e pedras. Essas tentativas de obter conhecimento em diversas áreas e colecionar objetos pode nos indicar a tentativa de Dorian de preencher algo que parecia estar faltando, pois ele próprio diz que por mais prazerosas que fossem as sensações que obtinha de suas experiências e nos momentos de satisfação de sua curiosidade, logo ele era tomado por sentimentos de indiferença e o interesse se esvaia. Independentemente de qual fosse a fonte de prazer, ele era deixado sempre com a necessidade de obter mais, "tinha fomes loucas que se tornavam mais vorazes ao serem saciadas" (Wilde, 2013, p. 229).

É importante mencionar que Dorian teve contato com um livro que recebeu de presente de Lorde Henry. O livro, chamado *Le Secret de Raoul* (O Segredo de Raoul, em

francês), é descrito como um romance sem trama e com um único personagem, sendo um estudo psicológico sobre as paixões e aquilo que os homens da época chamavam de pecado. No livro, o personagem vivencia todas as paixões e experiências possíveis. Dorian alega ter sido não somente fascinado, mas envenenado pelo livro, e durante os anos que se passaram ele mandou encomendar diversas cópias com diferentes encadernações, afirmando que o livro “se tornou uma espécie de prefiguração dele próprio” (Wilde, 2013, p. 225). Ele relata que sentia uma alegria cruel ao ler a parte final do livro em que o personagem faz um relato trágico do fim que teve sua vida, tomado pelo desespero por ter perdido tudo aquilo que lhe era importante no mundo. Mas para Dorian, apesar das características com as quais se identificava, essa era a diferença entre ele e o personagem de seu livro: ele não precisaria ter receio de terminar como ele, pois estava resguardado pela sua eterna beleza e juventude, o que sugere a ilusão de controlar as condições pelas quais a vida é dada ao ser humano. Algo impossível, conforme o final do livro aponta.

Em sua busca pelo significado da vida, estudando teorias religiosas, musicais, filosóficas e materialistas, Dorian sempre voltava ao prazer e às experiências sensoriais, mas nunca se satisfazia por completo. A angústia como tonalidade afetiva fundamental, não se supera, não se preenche, exige sempre novas realizações que não se encerram em si. Mesmo que afirmasse buscar o sentido, é possível perceber que seus estudos e interesses eram superficiais, servindo apenas para obter o prazer em vivenciar algo diferente de sua realidade que havia se tornado tediosa.

Ao longo dos capítulos temos acesso a diversas reflexões que colocam em cheque a ética com a qual Dorian não se preocupava. Ele reflete sobre como a insinceridade não é ruim, pois se trata de um meio pelo qual se pode multiplicar a personalidade. Também esteve em situações como brigas, falsificação de moedas e envolvimento com ladrões e outros tipos de criminosos, além de mencionar ter sido expulso ou enxotado dos clubes noturnos que frequentava, pois causava horror nas pessoas. Ou seja, Dorian abandona o que Sartre (1946/2014) configura como responsabilidade do homem consigo e com a

humanidade. Enquanto isso, ele vivenciava uma dualidade de sentimentos, pois ao mesmo tempo em que encontrava prazer em voltar para casa e sentar-se diante do quadro, observando como ele ficava cada vez mais feio e ele permanecia eternamente belo, Dorian também sentia ódio de si e da pintura. Suas amizades não eram duradouras, pois todos se afastaram após algum tempo, com exceção de Lorde Henry.

Aos trinta e dois anos, Dorian reencontra Basil Hallward, seu antigo amigo pintor, autor da obra que mudou o curso de sua vida. Curiosamente, ele sente medo e até tenta despistar o amigo, mas sua presença é percebida, Basil o havia procurado pois precisava conversar, então ambos entram na casa de Dorian. Ao perceber que o assunto se tratava dele próprio, Dorian diz que não queria ouvir e complementa “esta noite estou cansado de mim. Queria ser outra pessoa.” (Wilde, 2013, p. 261). Mas Basil insiste, e começa a dizer que as pessoas têm falado coisas horríveis sobre Dorian, que o chamam de vil e degenerado. O amigo parece se emocionar, pois não pode acreditar que sejam verdade aquelas coisas que falam. Ele dá diversos exemplos de pessoas que se envolveram com ele de alguma forma, e foram “desgraçadas” na sociedade, perderam o nome e o respeito, e menciona até mesmo um rapaz que foi seu amigo e logo depois se suicidou, e uma mulher que também era sua amiga e morreu sozinha após ter escrito uma carta a ele.

Dorian se revolta, e parece se sentir contrariado ao ter suas ações expostas de maneira enfática, além de estar sendo repreendido, o que nunca acontecia. Basil é o único personagem que desde o início consegue ver além da beleza de Dorian, apesar de ser encantado por ela. Ele atribui ao jovem responsabilidade pelo que tem feito, e cobra explicações. Com seu orgulho ferido, Dorian decide então mostrar a Basil o que nunca havia mostrado a ninguém durante todos esses anos: o que seu quadro havia se tornado. Antes de mostrar, Dorian afirma a Basil que “tem mais a ver com a minha vida do que pensa” (Wilde, 2013, p. 267), pois lhe atribui culpa e não admite que tenha pintado o retrato que mudou sua vida e depois venha cobrar dele explicações a respeito do que ela se tornou. Novamente, Dorian se desresponsabiliza por suas escolhas (mesmo tendo

sido ele quem fizera o misterioso pedido para o quadro envelhecer enquanto permanecia jovem), culpando outra pessoa.

Ele mostra a pintura, e Basil fica horrorizado, de início nem mesmo reconhece o seu próprio trabalho. Em suas palavras, o homem na tela provocava asco, tinha olhar cruel, malicioso e fundo. Fica chocado ao ver seu nome assinado no quadro e tem a confirmação de que estava diante de sua obra prima, mas que havia de alguma maneira se tornado monstruosa.

A compreensão da fenomenologia existencial sobre a possibilidade do homem ser aquilo que ele faz de si mesmo configura também a responsabilidade intransferível que ele tem sobre o que se tornou. Apesar disso, Dorian culpa Basil por tê-lo bajulado, adorado e provocado a sua vaidade, além de ter lhe apresentado Lorde Henry, a pessoa que o influenciou a valorizar a beleza, a juventude e os prazeres, acima de tudo. No entanto, Basil ainda tinha esperança de que poderia salvar seu amigo, e tenta convencê-lo de que pode mudar, pode ser perdoado. No entanto, Dorian ainda tomado pela ira, sente ódio do quadro, ódio de si próprio e ódio de Basil, levando-o a cometer naquele momento o assassinato do homem que havia sido seu melhor amigo.

Após matar seu amigo esfaqueado, Dorian sentiu calma e satisfação por ter acabado com a pessoa responsável pela sua situação. Ele entra em contato com um jovem químico com quem havia se relacionado e o chantageia para que o ajude a dar um fim no cadáver de Basil Hallward. O rapaz, chamado Alan Campbell, aceita fazer o trabalho, motivado pelo medo de ser exposto com informações que Dorian possuía dele. Mais tarde, descobrimos que Alan cometeu suicídio após o acontecido.

O último capítulo do livro representa uma tentativa final de Dorian de apagar os acontecimentos de sua vida, sem responder por suas próprias escolhas. Não fica claro quanto tempo se passou, mas um encontro entre Dorian e Lorde Henry é narrado, no qual eles têm uma conversa sobre a vontade que Dorian tem de se redimir, de ter boas atitudes a partir dali, e também comentam sobre o desaparecimento de Basil Hallward, ainda enigmático para a sociedade e para as autoridades.

Dorian expressa a Henry a sua vontade de ser bom, e conta que já começou a exercer sua bondade. Conta que se apaixonou por uma mulher no campo, mas a deixou para que pudesse viver uma vida melhor e não caísse em desgraça, assim como todos que vivem com ele caem. Lorde Henry discorda da atitude que ele teve, alegando que aquela moça jamais conheceria alguém com tanta classe quanto ele, e que por causa dele ela agora permaneceria uma camponesa ignorante. Com essa resposta, Dorian se sente ofendido, e se irrita por Lorde Henry desconsiderar o seu sacrifício, que ele não poderia acreditar ter sido em vão. Percebemos então que a atitude que Dorian teve não se tratou de bondade, mas de algo que foi feito para satisfazer sua vaidade e concretizar sua fantasia de bondade, além de parecer também uma tentativa desesperada de mudar o que tinha acontecido ao longo de sua vida e novamente não assumir responsabilidade pelas consequências de suas escolhas.

Ao final do livro, Dorian continua infeliz e insatisfeito, mesmo tendo buscado sentido e prazer ao longo de toda a sua vida. Seu último recurso acaba sendo tentar recuperar sua pureza e ingenuidade infantil que possuía no início de sua vida, como ele próprio coloca. Ele culpa Basil e o retrato que pintou, assim como Lorde Henry e o livro que ele lhe deu de presente. Não percebe, no entanto, que era o único responsável por aquilo que havia se tornado, e somente admitindo essa responsabilidade que poderia encontrar o que buscava.

Em um último momento, ele percebe que o quadro era a última evidência de todas as coisas ruins que havia realizado, então decide destruí-lo, com a mesma faca que utilizou para esfaquear o pintor. Ao fazer isso, Dorian acaba com a própria vida. Ele é encontrado morto com a faca no coração, enquanto o retrato é encontrado na parede como se nunca houvesse sofrido mudança alguma, mostrando novamente a beleza angelical que um dia Dorian Gray possuiu.

Há duas interpretações possíveis desse final. Pode ser lido como um suicídio, mas também pode ser lido como uma morte acidental, na qual Dorian, na tentativa de destruir a parte egoísta e vil de si próprio, não percebeu que na verdade aquilo era tudo o que lhe

restara. O quadro tinha ligação com a sua vida, então ao dar fim no objeto, deu fim a si mesmo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os pontos abordados na análise e o questionamento a respeito da ética, é possível refletir sobre como a escolha que Dorian teve de buscar uma vida baseada em prazeres acabou comprometendo diretamente seu senso de responsabilidade, e mais tarde veio a resultar no seu próprio fim, tendo sido esse o impacto de ter seguido a filosofia hedonista de Lorde Henry. Como sempre havia sido acostumado a obter o que queria, ele tirou proveito disso, manipulou pessoas e situações para se beneficiar ao máximo, vivendo sem desenvolver relações sólidas. O personagem deixou-se levar pela filosofia de vida apelativa que Lorde Henry lhe apresentou, vivendo então as vantagens que sua juventude e beleza eternas lhe proporcionaram, na tentativa de preencher a angústia, sentida como profundo vazio. Ele demonstrou não se importar com o impacto que fazer a própria vontade teria sobre as outras pessoas, chegando ao ponto de cometer atos de crueldade e até mesmo crimes. Além de não agir com responsabilidade, ele parece construir uma própria noção subversiva da ética, da qual ele se utiliza para justificar suas próprias ações, ao invés de responsabilizar-se.

Entretanto, apesar de possuir riquezas, fazer viagens, estar entre a alta sociedade, frequentar festas, colecionar objetos e buscar prazer de todas as maneiras possíveis, conforme sua filosofia compreendia ser o sentido da vida, ele ainda se encontrou em profundo estado de tédio existencial, com um vazio que não pôde ser preenchido tocando apenas a superfície das experiências que vivenciou, como se estivesse cada vez mais exposto e preso a sua condição existencial de nadidade, sem conseguir se constituir de maneira saudável.

Ao final de sua vida, Dorian tem um vislumbre de que deveria ser diferente, mas logo percebe que até mesmo sua vontade de agir eticamente se tratava não de altruísmo ou bondade, mas uma tentativa de negação das próprias atitudes por não suportar

assumir a responsabilidade por elas. Ele tenta apagar o seu passado, mas encontra nesta tentativa uma falha que não lhe permite continuar sua vida de maneira diferente: aquilo que tentava apagar era tudo o que restara de si próprio. Ele era aquilo que havia feito de si mesmo, como Sartre (1946/2014) diria.

Dessa maneira, retomando os questionamentos levantados, percebemos que no caso de Dorian, o movimento de buscar prazer foi levado a um extremo que o fez deixar de lado qualquer possibilidade de contemplação de ética, cuidado com o próximo e consigo mesmo. A postura de Dorian passou a ir além da simples busca pelo prazer, tornando-o egoísta, fazendo com que ele desprezasse o sofrimento alheio e negasse as suas ações e responsabilidades. Ao agir no mundo, o ser humano lida com o dilema entre priorizar o seu prazer e o do outro. O ato de buscar prazer também está incluso neste caso, surgindo então a necessidade de encontrar maneiras de satisfazer as próprias vontades sem desconsiderar a ética da convivência social e relacional. Existe um manejo possível nesta relação, modos pelos quais a pessoa pode exercer sua liberdade sem afetar o outro, como Heidegger (1927/2008) sugere em Ser e Tempo ao falar sobre o cuidado na coexistência. Além disso, é válido questionar até que ponto a busca pelo prazer configura uma satisfação de necessidades naturais, e quando ela se torna um meio de fugir das responsabilidades, como foi o caso de Dorian.

É possível, portanto, pensar na importância de buscar meios na contemporaneidade de vivenciar o prazer de maneira equilibrada, com temperança e sem ultrapassar limites que possam comprometer o bem-estar próprio ou do outro. Além disso, vale ressaltar a significância de buscar também experiências e relações menos superficiais e não depositar expectativas de que o sentido da vida é encontrado através da fuga do sofrimento e da angústia, pois ela também é parte da realidade humana, sendo considerada pela fenomenologia existencial a tonalidade afetiva fundamental, impulsionando sempre o ser humano a se fazer e se construir.

No mundo contemporâneo, no qual vigem os processos das mídias digitais e uma tendência predominante de se considerar os sujeitos individuais em detrimento da

sociedade em nossa época, entendemos que há grande propensão a se adotar atitudes egoístas nas quais o prazer pessoal pode ser usado para a “proteção” do sentimento de angústia, com graves consequências éticas. Fica o desafio para nossa geração de encontrar modos de construção coletiva de cuidado e que a percepção dos outros e do bem comum como fundamentais para uma vida digna e ética, sejam de fato consideradas.

REFERÊNCIAS

Aristóteles (2018). *Ética a Nicômaco.* Edipro. (Originalmente publicado em ca. 350 a.C.).

Bauman, Z. (1998). *O Mal-Estar Da Pós-Modernidade*. Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1997).

Berardi, F. (2020). *Asfixia: Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. Ubu Editora.

Companhia das Letras. (n.d). Oscar Wilde. https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00531/oscar-wilde?srsltid=AfmBOoqODKZUO04Laur0V2g1VQh_KDOroerUuyWj0lQRFygTpnHdWfRs.

Critelli, D. M. (1996). *A analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. Brasiliense.

De Sá, R. N. (2005). *A analítica heideggeriana da existência* em “ser e tempo”.

Epicuro. (2002). *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Unesp. (Originalmente publicado em ca. 300 a.C.).

Fonseca, M. C. B. (2005). Dorian Gray – Entre a psicose e a perversão*. Reverso, 27*(52), 69-73.

Foucault, M. (2012). *História da sexualidade:* Vol. 2. O uso dos prazeres. Graal. (Originalmente publicado em 1978).

Fortes, I. (2009). A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. *Revista Mal-estar e Subjetividade*,*Vol. IX*, (4), p. 1123-1144.

Freud, S. (2010a). *Obras completas volume 14. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos.* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1920).

Freud, S. (2010b). *Obras completas Volume 18. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1930).

Heidegger, Martin (2008). *Ser e Tempo.* Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Originalmente publicado em 1927).

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica.* Atlas.

Platão. (2021). *A República.* Lafonte. (Originalmente publicado em ca. 375 a.C.)

Platão (2012). *O Banquete*. Edipro. (Originalmente publicado em ca. 385-370 a.C.)

Reich, W. (2004). *A função do orgasmo*. Brasiliense. (Originalmente publicado em 1927).

Sartre, J. P. (2014). *O existencialismo é um humanismo*. Vozes. (Originalmente publicado em 1946).

Sartre, J. P. (2007). *O ser e o nada sartre.* Vozes. (Originalmente publicado em 1943).

Wilde, O. (2013). *O retrato de Dorian Gray* (N. Frankel, Ed.; J. Dauster, Trad.). Globo. (Originalmente publicado em 1890).

Editorial process dates (https://periodicos.ufac.br/index.php/fenexis/about/submissions)

- Submission: 30/04/2025
- Preliminary editorial decision: 09/05/2025
- Text editing: 09/05/2025
- Final editorial decision: 13/10/2025
- Publication: 28/10/2025

Editorial team

- Editor-in-chief: 2 (LPY; RAAP)
- Managing-editor: 1 (TRM; RAM)
- Section-editor: 1 (DRLMS)
- Reviewers: 2